

Os Guerreiros, o Etos do Exército e a Obrigação Sagrada do Soldado

Tenente-Coronel Peter D. Fromm (Reserva), Exército dos EUA

Há tolices bem embaladas, assim como há tolos bem-vestidos.

—Nicolas De Chamfort

COMO FATOR DISCURSIVO* no atual ambiente de operações de informações, o emprego formal do termo “guerreiro” (*warrior*), quando o Exército dos EUA se refere aos soldados, pode ser contraproducente em termos práticos e morais¹. Hoje em dia, palavras importam mais do que nunca. Esta discussão explora as implicações psicológicas de se utilizar o termo *guerreiro* quando se quer dizer *soldado* e por que elas podem ser importantes para as operações de contingência atuais e futuras.

Historicamente — e, portanto, de forma implícita no discurso — o etos de um guerreiro é, com frequência, conotativamente contraditório ao do etos do soldado (particularmente ao do “soldado profissional”) de uma forma significativa, que é relevante atualmente. O “Credo do Soldado/Etos do Guerreiro” do Exército dos EUA funde os termos denotativos *guerreiro* e *soldado* e mistura suas características identificadoras. Um importante exemplo histórico pode ajudar a entender por que o supostamente honroso *etos do guerreiro* talvez seja um problema, nos dias de hoje. A Batalha do Metauro, embora seja mais conhecida apenas por historiadores, foi um dos eventos militares mais importantes e reveladores da história. Como exemplo que demonstra a diferença entre *guerreiros* e *soldados* (em uma guerra que

moldou a forma como as duas palavras chegaram até nós), essa batalha pode ajudar a ilustrar o meu argumento.

No auge da Segunda Guerra Púnica, em 207 a.C., Asdrúbal Barca invadiu a Itália com reforços para o Exército de Aníbal, que dominava a península havia 11 anos. No Rio Metauro, duas Forças romanas se juntaram para impedir Asdrúbal, que pereceu no meio de uma coorte romana antes de conseguir alcançar o irmão. Seu Exército — composto, em sua maioria, por guerreiros celtas e lígures e por soldados veteranos ibéricos e africanos — perdeu uma batalha campal contra um disciplinado Exército de cidadãos romanos, muitos dos quais haviam realizado marcha forçada até chegarem às suas posições, pouco antes da batalha. A derrota de Asdrúbal foi um momento decisivo que impediu Aníbal de obter as reservas de que precisava para atacar Roma e derrubá-la antes que tivesse a chance de se transformar em império. Como se discutirá adiante, nessa batalha os *soldados* se portaram de modo diferente ao dos *guerreiros*, efetivamente estabelecendo uma distinção clara entre as duas palavras para o resto da história ocidental.

O Espírito do Guerreiro

Aquiles e Heitor foram guerreiros ocidentais na chamada era homérica. Hoje, a palavra *guerreiro* evoca o imaginário homérico e possui conotações heróicas, provável razão pela qual o Exército dos EUA a emprega. Ao longo da última década, a pátina de antiguidade do termo ficou em voga — junto com um fascínio por tudo o que é retrógrado — mas infelizmente todas as demais

*Neste contexto, “discursivo” tem o sentido empregado no campo da Análise do Discurso.

O Tenente-Coronel do Exército dos EUA Peter Fromm (da Reserva), é o atual supervisor de redação da edição em inglês da *Military Review*, no Forte Leavenworth, Estado do Kansas. É bacharel pela San Jose State University e mestre pela Indiana University, em Bloomington. Ao

longo de sua carreira, o Ten Cel Fromm serviu no 1º/75º Batalhão de Infantaria; na 82ª Divisão Aeroterrestre; na 1ª Divisão de Cavalaria; e na 2ª Divisão Blindada. Também lecionou Inglês e Ética na Academia Militar dos EUA, em West Point.



Soldado norte-americano entrega uma garrafa de água a uma menina durante missão na Província de Khost, 29 Jul 09.

conotações da palavra a acompanham. Muitos insistirão que *guerreiro* é apenas outro nome que, embora floreado, é honroso para um soldado bem treinado e motivado. Esse entendimento desconsidera a origem histórica e literária da palavra e tenta conferir um significado moderno a *guerreiro*, com apenas a metade positiva das suas implicações.

Historicamente, o nome *guerreiro* conota um defensor da guerra, alguém que não só é habilidoso, mas também sanguinário e primitivo (“antigo e medieval”), que luta por sua própria glória e deleite e até mesmo por um prazer visceral². Possuir espírito guerreiro é ser indomável e corajoso. Contudo, na literatura e na história, *guerreiro* também sugere alguém não confiável, indisciplinado e egocêntrico, com um entusiasmo ruidoso pela guerra e pela ação. O que é mais importante: o termo contém associações com o amor à luta em si. Como diz J. Glenn Gray em sua obra clássica, *The Warriors: Reflections on Men in Battle*:

Quando os soldados cruzam a linha que separa a autodefesa da luta pela própria

luta, o que lhes é tão fácil fazer, eles vivenciam algo que lhes toca o próprio ser profundamente. O soldado-matador aprende a servir a uma divindade diferente e sua preocupação passa a ser a morte, não a vida; a destruição, não a construção³.

O “soldado-matador”, de Gray, sugere uma refração do arquétipo do guerreiro como uma pessoa extasiadamente egocêntrica. Como indica Gray, a transformação de soldado em guerreiro — nesse sentido — é “fácil”. Não requer muito incentivo. A natureza humana já contém o impulso de *destruir* como o faz um guerreiro. As pessoas “evoluíram” de modo a gostar da violência. Soldados, desde Alexandre até Robert E. Lee, reconheceram esse potencial latente para se experimentar êxtase com a violência da guerra. A famosa e consciente observação de Lee a Longstreet ilustra essa tendência: “É bom que a guerra seja tão terrível; caso contrário, nós nos apegaríamos demais a ela”⁴.

Gray observa ainda: “A satisfação em destruir me parece particularmente humana ou, mais precisamente, perversa de um modo que animais

nunca poderiam ser”. Soltar soldados-matadores extasiados, os “cães de guerra” de Shakespeare, é abrir a Caixa de Pandora de uma *impulsividade* desimpedida, que Gray chama de “totalitária e exclusiva”. Gray descreve como testemunhou um grupo de oficiais dos EUA atirarem em propriedades só para continuar a destruição, depois de uma batalha, na Segunda Guerra Mundial. Ele fala da vergonha que sentiu ao ver norte-americanos se regozijarem impulsivamente ao vandalizarem a cidade enquanto seus feridos “ainda estavam caídos no terreno”⁵. Agiram como verdadeiros vândalos, os guerreiros germânicos que saqueavam as cidades romanas depois da batalha. A autoindulgência dos vândalos na destruição alude ao apelo extático constante da literatura romantizada sobre o guerreiro-aventureiro.

A impulsividade do guerreiro muitas vezes o leva a ações muito piores do que o vandalismo. Como ressalta Gray, o desejo de destruição do guerreiro traz *eros* à tona, e eles se reforçam mutuamente⁶. Em mitos e em lendas, os cavaleiros guerreiros se deleitam tanto no combate quanto na satisfação sexual. As histórias de amor dos mitos cavaleirescos se referem a arquetípicos cavaleiros concupiscentes, que lutam não apenas para destruir, mas também para satisfazer desejos sublimados. Jasão, Aquiles, Odisseu, Lancelot, Tristão, Musashi e Rostam, para citar alguns: todos eram esse tipo de guerreiro-aventureiro sexual. Neste ponto, vale explorar dois exemplos ocidentais bem conhecidos: Aquiles e Lancelot. Aquiles semeia o rancor destrutivo entre os gregos por causa de sua rivalidade com Agamenon pela jovem Briseida, o espólio sexual da guerra. Ele é propenso à raiva impulsiva e comete o crime de guerra mais notório de toda a literatura, a profanação do corpo de Heitor. Ele é um guerreiro, mas não um soldado. O Lancelot das lendas arturianas vai a uma loucura assassina — até o fratricídio, muitas vezes — e satisfaz seus impulsos como amante ilícito da rainha. Conhecido pelo seu desdém por danos colaterais na batalha e no amor, Lancelot enxerga com desprezo a inconveniência de existirem não combatentes no espaço de combate. Ele também é um guerreiro, mas não um soldado. Desses dois exemplos ocidentais de maior destaque, o caso de Aquiles é o mais relevante, porque

envolve o estupro de Briseida. Como bem se sabe, o estupro e a morte são companheiros perenes na guerra.

Essa realidade mais sinistra — a do guerreiro como um assassino estuprador — representa um comportamento arquetípico que o Exército dos EUA certamente não quer evocar. Contudo, nós insistimos em usar nomes poéticos inspirados no *guerreiro*, como Força-Tarefa Conquistador (*Task Force Conqueror*), Companhia Cruzado (*Crusader Company*) e assim por diante, e essas designações acontecem em um ambiente onde alegamos estar levando as operações de informações a sério.

Guerreiros versus Soldados, na Cultura e na História

Historicamente, no Ocidente, o guerreiro paradigmático era um bárbaro semelhante aos heróicos celtas tribais no Rio Metauro. Os magníficos celtas se glorificavam no combate homérico à custa da organização e da disciplina. Frequentemente, seus líderes desafiavam cônsules romanos para um combate individual, como um “Exército de um Só”. Dessa forma, a história influenciou a cultura popular. Ela conferiu ao *guerreiro* sua distinção, sugerindo o *indivíduo*. Filmes como *Gladiador* ilustram esse ethos. O espírito heróico individualista exibido pelo personagem Máximo é, sem dúvida, como o Exército dos EUA concebe o termo *guerreiro* em

...o nome guerreiro conota um defensor da guerra, alguém que não só é habilidoso, mas também sanguinário e primitivo...

relação a seus soldados (isto é, “um Exército de um Só”). Contudo, é revelador que Roma honre a memória de Máximo não como a de um guerreiro, mas como a de um “soldado de Roma”. Assim, ele é honrado não por sua bravura gladiatória individualista, mas por ter liderado um exército que subjuguou os guerreiros bárbaros.

Asdrúbal era um soldado, da mesma forma que seu famoso irmão Aníbal. Seus inimigos romanos também. *Soldado* conota serviço, submissão à autoridade e disciplina, rigor no trabalho em equipe e comprometimento com uma necessidade maior do que as individuais (incluindo a necessidade que um indivíduo tenha de ser guerreiro). Para o *soldado*, o *grupo* organizado domina o indivíduo. A palavra é relacionada a um termo latino que significa pagamento. Na história e na literatura, a palavra *soldado* implica cooperação, força na ordem e obediência silenciosa e — em sua expressão mais elevada — uma preferência pela paz. Na cultura popular, filmes como *O Resgate do Soldado Ryan* demonstram esse etos. Eles idealizam a *abnegação* do soldado norte-americano. Também enfatizam como *soldado* evoca a palavra *cidadão*, o que não ocorre com o termo *guerreiro*⁷.

Os espartanos, retratados como guerreiros puros no filme *300*, consistiam mais no ideal ocidental do soldado-cidadão e do profissional. Acreditavam que o argumento e a manobra política eram superiores ao combate:

...insistimos em usar nomes poéticos inspirados no guerreiro, como Força-Tarefa Conquistador, Companhia Cruzado e assim por diante, e essas designações acontecem em um ambiente onde alegamos estar levando as operações de informações a sério.

Em Esparta, depois de retornar, um general sacrificava um boi se tivesse derrotado o inimigo pela dissimulação ou pela persuasão; um galo, se pela força das armas. Porque, embora fossem o povo mais marcial de todos, os espartanos

acreditavam que uma façanha alcançada por meio do argumento e da inteligência era melhor e mais digna de um ser humano do que a efetuada por meras força e coragem⁸.

Para os espartanos, recorrer ao combate letal representava um fracasso. Eram profissionais, na medida em que cooperavam, com abnegação, para o que acreditavam ser o bem de sua sociedade. Esta possuía algumas características perversas em termos morais e estéticos (incluindo a eugenia, a pederastia, a escravatura infame, a xenofobia sociopata e a troca de parceiros), mas eles evitavam a guerra sempre que possível. Apesar de toda a sua eficiência militar, os espartanos não eram amantes do combate. Consideravam de mau gosto a ostentação homérica.

Os romanos tentaram, conscientemente, imitar o aspecto militar do etos espartano, ao mesmo tempo em que rejeitaram a maioria de suas patologias. Seu soldado paradigmático era o cidadão da Roma republicana. Ele servia em troca de remuneração, em uma instituição burocrática organizada, com regulamentos e benefícios de aposentadoria (com a profissionalização sob o comando de Mário). Como os espartanos que eles tanto admiravam, os romanos prezavam a eficiência militar. Para eles, a exibição homérica não só era de mau gosto, como também um crime militar. Em um episódio bastante conhecido, o General romano Tito Mânlio Torquato executou o próprio filho por “uma falsa concepção da glória” ao avançar de seu posto para atacar, como um típico guerreiro, depois que um inimigo bárbaro o desafiou para um combate corpo a corpo⁹.

Os romanos se empenhavam em ser mais como uma equipe de mecânicos na guerra, evitando a incontrolável falta de união da mentalidade de guerreiro. Como observou Flávio Josefo: “Os romanos estão fadados à vitória... Porque seus exercícios são batalhas sem derramamento de sangue e suas batalhas são exercícios sangrentos”¹⁰. O segredo da longevidade romana estava no trabalho em equipe da legião e na eficiência mecânica, tanto na logística quanto na tática, contra inimigos imbuídos de um etos de guerreiro tribal. Os soldados legionários combatiam com



Vercingétorix joga suas armas aos pés de César, de Lionel-Noël Royer, 1899. Em *Alésia, César derrotou 180 mil guerreiros celtas com 50 mil soldados romanos disciplinados*.

a pá e o escudo e com uma técnica de espada profissional. Eles se contrastavam de forma consciente aos celtas gauleses, que pouco se importavam com formações e menos ainda com a disciplina sugerida pelo uso de pás. Os celtas lutavam com o gume da lâmina, em manejos de espada extenuantes, aperfeiçoados para a sobrevivência no combate individual. Vegécio nos informa que os romanos ridicularizavam esses guerreiros bárbaros pela sua tolice organizacional e tática:

Eram tomadas precauções para que o recruta [legionário] não avançasse para atingir o inimigo de forma tão imprudente que o tornasse vulnerável a um contra-ataque de qualquer lado. Além disso, os recrutas aprendiam a atacar não com o gume, mas com a ponta. Porque os que atacaram com o gume não só foram facilmente derrotados pelos romanos, como também foram ridicularizados¹¹.

Assim, os romanos desprezavam o etos do guerreiro por sua ineficiência ostentosa. Políbio relata essa filosofia ao descrever as características dos centuriões ideais para os exércitos republicanos:

Ao selecionar seus centuriões, os romanos não procuram, na verdade, pelo tipo audacioso e briguento, mas por homens que sejam líderes naturais e que possuam um temperamento estável e imperturbável; não por homens que abrirão a batalha e iniciarão ataques, mas por aqueles que se

manterão firmes, mesmo quando estiverem sendo derrotados ou pressionados e que morrerão em defesa de seus postos¹².

Os soldados legionários — os *milites* — não supervalorizavam “cerrar” sobre os inimigos; sua prioridade era manter a linha com vigilância. Para os romanos, um soldado competente transcendia o mero guerreiro pelo seu comedimento. Os romanos elevaram a efetividade abnegada da equipe a uma arte, enquanto seus inimigos guerreiros se entregavam ao individualismo impulsivo. A expectativa era que os legionários agissem como soldados, e não como indivíduos. Seu comedimento disciplinado os destacava, e os soldados norte-americanos são seus descendentes culturais e intelectuais.

Influenciando o Subtexto do Etos do Exército

Na era do “Cabo de esquadra estratégico”, nosso Exército não pode se dar ao luxo de recorrer a valores homéricos¹³. Provavelmente é uma péssima ideia institucionalizar a denominação de “guerreiros” aos soldados, enaltecendo, assim, as implicações de “amor à luta em si” como significado implícito, considerando os conflitos atuais. O termo é um intensificador que o Exército não utilizaria, caso não fosse tão glamouroso. Independentemente do seu valor como expressão de respeito, apregoar o chamado “Credo do Soldado/ Etos do Guerreiro” é contraproducente, justamente porque passa essa mensagem. Os bons soldados não são impulsivos e egoístas, não buscam o glamour e não enxergam a luta como a busca do êxtase. Os profissionais sabem onde se encaixam na “máquina em funcionamento” e não se deleitam em matar em combate. A tentativa de exaltar tal iniciativa é, por si só, um ato de amorismo e de desvalorização, que diminui o respeito sagrado que bons soldados merecem.

Dessa forma, a grandiosidade da imagem do guerreiro parece ser autodestrutiva na atual era da informação. Propagandear a mentalidade de guerreiro transmite a mensagem errada. Imagens como essa talvez atraiam alguns voluntários para o serviço militar, mas podem acabar prejudicando as operações ao corroerem o respeito dos soldados por outras



O Cônsul Tito Mânlio Torquato Decapita o Filho, de Ferdinand Bol, óleo sobre tela, c. 1661-1663.

peças, incluindo aquelas que eles protegem e as que sejam inimigos potenciais. É possível desenvolver um espírito de guerreiro (no melhor sentido da palavra) sem propaganda. É possível estimular a coragem decidida sem alardear o fervor de guerreiro.

Etos do guerreiro ou credo do soldado? O “Credo do Soldado/Etos do Guerreiro” adotado oficialmente pelo Exército dos EUA, em 2003, mistura as associações de *guerreiro* com a palavra “soldado” (grifo e inserções do autor):

Credo do Soldado e Etos do Guerreiro:

- Sou um *soldado* norte-americano.
- Sou um *guerreiro* e membro de uma *equipe*. [Pode-se dizer que esse é um oxímoro.]
 - Sirvo ao povo dos Estados Unidos e vivo os valores do Exército.
 - Sempre colocarei a missão em primeiro lugar.
 - Nunca aceitarei a derrota.
 - Nunca desistirei.
 - Nunca deixarei um companheiro para trás.
 - Sou *disciplinado*, resistente física e mentalmente, treinado e proficiente em minhas tarefas e procedimentos de *guerreiro*.
 - Sempre cuido de minhas armas, dos meus equipamentos e de mim mesmo.
 - Sou um perito e um *profissional*.
 - Estou pronto para ser empregado e para engajar e *destruir* os inimigos dos Estados Unidos da América em combate aproximado.

- Sou um guardião da liberdade e do modo de vida norte-americano.

- Sou um *soldado* norte-americano¹⁴.

A verdade é que a história e a literatura não associam os guerreiros com *equipes* ou com *disciplina*. Os guerreiros conhecem as armas, mas a logística e tudo o que está além da tática básica os desnor-teiam. Guerreiros *destroem*, soldados *defendem* e *protegem*. Incentivar os soldados norte-americanos a se enxergarem como “guerreiros” é levar a metáfora além dos seus limites. Por que persistir nessa fusão? Quando alguém finge que as palavras têm um significado que elas não têm, torna-se mais provável que ele desconsidere todas as preocupações morais¹⁵. Cultural, legal e moralmente, os soldados norte-americanos são soldados e, em última análise, melhores que meros guerreiros.

O que o Exército valoriza. A linguagem sugere valores. Os “Valores do Exército”, citados no credo do soldado, precisam ser cuidadosamente analisados, dada a dissonância no manifesto profissional. Onde está a parte sobre a proteção dos inocentes? Está implícita? Quando se exerce uma profissão cujo objetivo é, em última análise, matar pessoas com eficiência, deve-se desejar que evitar matar as pessoas erradas seja o seu princípio de ação supremo. Isso deveria estar explícito. Por mais admirável que seja, a lista de “Valores” não é suficiente, mesmo com os comentários que a acompanham (consulte o *site* do FORSCOM, referência nº 14). Se o Exército dos EUA possui um etos expresso que não explicita evitar matar as pessoas erradas como seu princípio supremo, algo está errado.

“A obrigação sagrada” de MacArthur. Tomoyuki Yamashita, um General do Exército Imperial Japonês, foi formalmente condenado e executado em 1946, depois que um tribunal de crimes de guerra o julgou culpado de não controlar seus soldados (e marinheiros, que não estavam sob seu comando), quando eles saquearam Manila, nas Filipinas, em 1944¹⁶. Os norte-americanos haviam interrompido a comunicação entre ele e os soldados na cidade, e assassinatos e estupros se sucederam. Durante o julgamento de Yamashita, o General Douglas MacArthur declarou que a primeira obrigação do soldado, “a própria essência do seu ser”, era a “obrigação sagrada” que determina a

“proteção dos fracos e dos desarmados”¹⁷. Yamashita falhou nesse aspecto, na opinião de MacArthur, e era culpado do pior crime que um soldado podia cometer: a perda da disciplina e do controle enquanto estava no comando. Ele foi condenado, apesar de não estar presente e não ter meio algum para controlar a violência dos soldados e dos marinheiros. Yamashita foi responsável pelo que aconteceu, porque alguns dos soldados que cometeram crimes de guerra faziam parte da sua cadeia de comando e ele tinha a responsabilidade do comando. Ele violou a obrigação sagrada porque era o comandante militar dos aproximadamente 3.700 soldados que ainda estavam na cidade, e não importava que os bombardeios, a manobra e a guerra eletrônica dos EUA o tivessem privado da capacidade de exercer o comando.

Se um soldado tem a obrigação sagrada de proteger os fracos e os desarmados, diretamente ou como uma responsabilidade de comando, é preciso que ela faça parte de qualquer código considerado definitivo. Se um general tem a responsabilidade de comando pela violência dos seus soldados e pela perda de disciplina que leva ao caos moral, sua orientação mais explícita para os que estiverem sob seu comando deve ser que sejam disciplinados e cumpram sua obrigação sagrada.

Para dar a devida atenção ao autocontrole disciplinado ao matar, o Exército precisa ser

...deve-se desejar que evitar matar as pessoas erradas seja o seu princípio de ação supremo.

mais enfático do que é atualmente. Se exigimos tal padrão de Yamashita, precisamos aplicá-lo aos nossos comandantes e planejadores. Nós, como Exército, acreditamos, de fato, que a obrigação sagrada do soldado é uma realidade moral. Portanto, devemos fazer todo o possível para prevenir a matança indiscriminada e para incentivar a disciplina militar, especialmente a disciplina moral. Sendo assim, por que o nosso

etos expreso obscurece a questão ao chamar soldados norte-americanos de guerreiros?

Institucionalizando a Obrigação Sagrada do Soldado

Os Valores do Exército devem afirmar claramente a existência da “obrigação sagrada” de MacArthur e sua função essencial em uma profissão que envolve o matar legítimo. A obrigação sagrada deve ser evidente a todos, não apenas para demonstrar o compromisso moral para com o público, mas também para reforçar a reflexão ética entre os próprios soldados. Nas relações públicas militares, a demonstração de tal compromisso deve ser fundamental.

A verdadeira honra não advém de se ignorar o risco aos não combatentes. O comedimento é o princípio que justifica as obrigações profissionais militares. Ele deve estar associado, de forma inerente e inequívoca, à declaração: “Eu sou um soldado norte-americano”. Essas são as associações de que precisamos atualmente, em vez das associações com o guerreiro. Não se pode ter a expectativa de que um soldado esteja em perfeito controle de si no combate. Contudo, as realidades do mundo de hoje exigem que as Forças militares reafirmem seu compromisso com o comedimento e com a proteção, e não com a destruição. Essa é a razão fundamental pela qual um padrão moral rigoroso para matar deve fazer parte de um credo publicado oficialmente, bem como os princípios a serem praticados: para aumentar ao máximo a probabilidade de melhores resultados, dadas as circunstâncias caóticas da batalha e do pós-conflito.

O Exército vem passando por um ajuste de atitude quanto a matar nas contrainsurgências, e talvez seja um bom momento para romper com o hábito de usar o termo *guerreiro*. Se acreditamos na obrigação sagrada, precisamos eliminar qualquer possibilidade de que as pessoas interpretem mal as nossas intenções. Não precisamos de alusões floreadas à impulsividade e ao egoísmo do guerreiro. Nosso credo deve fortalecer o conceito de trabalho em equipe, sem conter associações que sugiram a autoexaltação. O verdadeiro etos de guerreiro da história é contraproducente, porque incita a atitude sanguinária à custa da mentalidade construtiva. Os guerreiros das velhas canções e tradições matam e destroem. Quem eles matam

não lhes importa, na verdade, contanto que também atinjam o inimigo. Os soldados, por outro lado, protegem. Eles têm uma obrigação sagrada. Não é romântico, mas é sublime.

Guerreiros e Soldados no Metauro

No Metauro, Asdrúbal dispôs seu exército em um terreno irregular perto da margem do rio, depois de uma tentativa fracassada de vadeá-lo e evadir-se dos reforços romanos. Ele colocou seus melhores soldados (os veteranos ibéricos e africanos) à direita, sob seu comando pessoal, de onde sabia que viria a força principal do ataque romano. Sua desconfiança em relação aos guerreiros gauleses era evidente, pela forma como os posicionou no terreno acidentado à sua esquerda, que era praticamente inacessível ao flanqueamento e aos ataques frontais dos romanos.

Segundo Políbio, os romanos perderam o medo dos guerreiros bárbaros depois da Batalha de Telamon, em 225 a.C.. Essa é, provavelmente, a principal razão pela qual Asdrúbal posicionou os celtas em um terreno tão irregular. Além de claramente não possuírem a resistência dos veteranos cartagineses, os celtas gauleses estavam cansados. Como disse Lívio no contexto do Metauro: “Os gauleses, com certeza, nunca têm resistência”¹⁸. De fato, a eterna diferença entre guerreiros e soldados é que os “guerreiros nunca têm resistência”. Contanto que tenham sido alimentados e não tenham se extenuado muito, eles

talvez sejam úteis quando agrupados, mas quando a situação se complica, os guerreiros costumam ficar cansados, distraídos e desorganizados. Nesse caso, muitos dos celtas de Asdrúbal haviam deixado suas posições, confirmando a desconfiança quanto à sua capacidade de trabalhar em equipe.

Como observa Políbio em relação aos celtas em geral, seus líderes estavam “abaixo da crítica, porque os gauleses eram dominados pelo impulso em vez de o serem pelo raciocínio, não só na maioria de suas ações, mas em todas as instâncias”¹⁹. Essa observação revela a essência da diferença entre a imagem do guerreiro e a do soldado, na história. Para o guerreiro, o impulso se sobrepõe a tudo, como no caso de Aquiles em Troia. Para os cartagineses, no Rio Metauro, a impulsividade dos gauleses agravou sua falta de resistência e disciplina tática. Quando a direita cartaginesa começou a ceder e os romanos conseguiram atacar o terreno difícil no flanco esquerdo, “encontraram muitos dos celtas deitados, bêbados e dormindo”²⁰. Os apetites ocupam o coração indisciplinado do guerreiro, e Políbio reserva o pior escárnio para essa fraqueza particular.

Os celtas bêbados de Asdrúbal contrastavam com os 6 mil soldados romanos que haviam acabado de suportar seis dias de marchas forçadas sob o comando de Caio Cláudio Nero (antepassado do famoso imperador), para reforçar o Exército consular de Marco Lívio. Antes que os exércitos adversários se organizassem para a batalha, Asdrúbal percebeu que a Força romana estava maior do que antes. Lembrou-se de haver escutado um toque de trombeta durante a noite e de que esse era o sinal da chegada de um general. Quando o líder cartaginês notou escudos diferentes e cavalos emaciados, percebeu que estava em apuros²¹. Asdrúbal entendeu a disciplina necessária para que eles estivessem presentes ali e viu nas linhas romanas a determinação de soldados que haviam executado uma manobra miraculosa. Meros guerreiros não teriam suportado tal missão. Asdrúbal tentou partir sem sucesso. Ao recordar a anterior Batalha de Telamon, Políbio resumiu as diferenças entre os cidadãos romanos e as tribos guerreiras que ameaçavam o futuro de Roma: o poder das tribos, por mais bem equipadas e numerosas, sempre poderia ser derrotado “pela



O General-de-Divisão Tomoyuki Yamashita (à esquerda), o “Tigre da Malásia”, é acusado perante a Comissão de Crimes de Guerra, em Manila, alegando inocência. Seu julgamento ocorreu em 29 Out 45.

determinação e pela capacidade dos homens que enfrentassem o perigo com a inteligência e o cálculo frio”²².

O Exército deve reavaliar se pode se dar ao luxo de continuar a chamar seus soldados de *guerreiros*. Tanto na percepção dos nossos soldados, quanto nas mentes das pessoas que veem norte-americanos armados em seus países, a dissonância insinuada por “guerreiros” pode produzir psicologias conflitantes. Não importa como se corta o baralho da história ou se lê a tradição literária que herdamos, o termo *guerreiro* deve

ser visto como uma gafe no domínio das informações. A palavra tem o estigma que a história e a literatura lhe impõem. Assim, a ideia de criar “guerreiros da informação” (conforme anunciado na edição em inglês de setembro-outubro de 2009 da *Military Review*) é provavelmente contraproducente. Embora disponhamos de soldados que são guerreiros de coração — no melhor sentido da palavra —, talvez seja melhor não chamá-los assim constantemente. O Exército está cheio de excelentes soldados, não guerreiros literais, e sua missão é proteger, não destruir. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Nos EUA, somente a Força Aérea e o Exército utilizam a palavra *guerreiro* em seus credos básicos, e o Exército é a única Força singular que se refere ao termo constantemente. Os credos dos SEALs e das Forças Especiais do Exército dos EUA também o citam brevemente. Entretanto, o Credo dos Rangers do Exército dos EUA não faz uma única menção sequer à palavra *guerreiro*. Sua declaração simples “Sou um soldado especialmente selecionado e bem treinado” é admiravelmente precisa e sucinta. Pode-se argumentar que o “etos dos Rangers” é o mais profissional nesse sentido. Cabe observar que o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA faz poucas referências oficiais a *guerreiro*, sendo essas poucas geralmente associadas ao programa *Wounded Warrior* (“Guerreiro Ferido”). Entre os programas *Wounded Warrior* em todas as Forças singulares, o termo aparece como um título poético que não contém as implicações de um credo. Recomendando que o leitor consulte os sites oficiais de todas as cinco Forças singulares.

2. *Merriam Webster Unabridged Dictionary on-line*. O significado principal de *guerreiro* é “um homem envolvido ou experiente no combate e, especialmente, em combate primitivo ou no típico combate cerrado das Idades Antiga ou Medieval”. Disponível em: <http://unabridged.merriam-webster.com/?ref=U_mwv_top>. *The American Heritage Dictionary of the English Language* (New York: Houghton Mifflin, 2006) indica que a etimologia de *guerreiro* deriva de uma palavra do antigo francês do norte, que significa “travar guerra”.

3. GRAY, J. Glenn. *The Warriors: Reflections on Men in Battle* (New York: Harper & Row, Bison Books, 1998), p. 51-57.

4. Comentário feito por Lee a James Longstreet, em Fredericksburg, em 13 de dezembro de 1862. Citado em *The Dictionary of War Quotations*, editado por Justin Wintle (New York: Macmillan, The Free Press, 1989), p. 286.

5. GRAY, p. 55.

6. *Ibid.*, p. 53.

7. *Merriam Webster Unabridged Dictionary*. Soldado significa, principalmente, um membro de um grupo organizado de combatentes. *The American Heritage Dictionary of the English Language* discute a etimologia de soldado, indicando que suas origens se encontram no conceito da Alta Idade Média de servir por remuneração, em comparação à maioria dos combatentes, que serviam como vassallos feudais, sem pagamento. *Soldado* equivale à antiga

palavra latina *militēs*, utilizada para os soldados legionários romanos regulares.

8. PLUTARCH. “Marcellus” In *Makers of Rome*, tradução de Ian Scott-Kilvert (New York: Penguin Classics, 1978), p. 109.

9. LIVY. *Rome and Italy: Books VI-X of the History of Rome from its Foundation*, tradução de Aubrey de Selincourt (New York: Penguin Classics, 1988), p. 166. Ironicamente, Torquato recebeu seu nome ao matar um líder gaules no combate corpo a corpo.

10. Josefo, citado em MONTROSS, Lynn. *War Through the Ages* (New York: Harper & Row, 1960), p. 43.

11. Vegécio, citado em GRANT, Michael. *The Army of the Caesars* (New York: M. Evans & Company, 1974), p. xxvii.

12. POLYBIUS. *The Rise of the Roman Empire*, tradução de Ian Scott-Kilvert (New York: Penguin Classics, 1979), p. 322.

13. KRULAK, Charles C. “The Strategic Corporal: Leadership in the Three Block War”, *Marines Magazine* (jan. 1999), disponível em: <www.au.af.mil/au/awgate/uscmc/strategic_corporal.htm> (2 jul. 2009).

14. “Army Values” (“Valores do Exército”), “Soldiers Creed” (“Credo do Soldado”) e “Warriors Ethos” (“Etos do Guerreiro”) se encontram on-line, no site do Comando das Forças: <www.forscom.army.mil/reeng/Army%20Part1%20Values.htm> (FORSCOM)

15. PAINE, Thomas. “The Author’s Profession of Faith”, *The Age of Reason* (The Project Gutenberg Etext of The Writings of Thomas Paine Vol. IV), disponível em: <www.gutenberg.org/ebooks/3743>.

16. WALZER, Michael. *Just and Unjust Wars* (New York: Basic Books, Inc., 1977), p. 316-22.

17. *Ibid.*, p. 317.

18. LIVY, *The War with Hannibal: Books XXI-XXX of the History of Rome from its Foundation*, tradução de Aubrey de Selincourt (New York: Penguin Classics, 1988), p. 493.

19. POLYBIUS, p. 146.

20. *Ibid.*, p. 426.

21. LIVY, p. 490.

22. POLYBIUS, p. 146.

O soldado, seja ele amigo ou inimigo, é responsável pela proteção dos fracos e dos desarmados. Essa é sua própria essência e a razão de seu ser. Quando ele viola essa obrigação sagrada, não só profana todo o seu culto, como também ameaça a estrutura da sociedade internacional. As tradições dos combatentes são antigas e honrosas. Baseiam-se na mais nobre qualidade humana: o sacrifício. Este oficial, de mérito comprovado no terreno, incumbido do alto comando que envolve a autoridade adequada à responsabilidade, fracassou em relação a esse padrão irrevogável, fracassou no dever para com os seus soldados, seu país, seu inimigo e para com a humanidade; falhou completamente na sua fé de soldado.

—General Douglas MacArthur (Relatório ao Presidente Harry S. Truman, que defendia que o General Tomoyuki Yamashita fosse julgado por crimes de guerra).